



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ-UFPA**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA**  
**FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE**  
**CURSO DE ETNODESENVOLVIMENTO**

**Kegebi Ik Tip Taybi Ka**  
**Histórias dos Antepassados até o presente.**  
**Da Aldeia Muricizal à Missão São Francisco**

**ALTAMIRA-PA**

**Julho de 2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ-UFPA**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA**  
**FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE**  
**CURSO DE ETNODESENVOLVIMENTO**

**LUIZ AKAY MUNDURUKU**

**Kegebi Ik Tip Taybi Ka**

**Histórias dos Antepassados até o presente.**

**Da Aldeia Muricizal à Missão São Francisco**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito de avaliação do curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento da Universidade Federal do Pará (UFPA) do Campus Universitário de Altamiras-PA, orientado pelo Prof. Dr. William César Lopes Domingues – Uwira.

ALTAMIRA-PA

Julho de 2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

- M965k Munduruku, Luiz Akay.  
Kegebi Ik Tip Taybi Ka. Histórias dos Antepassados até o presente. : Da Aldeia Muricizal à Missão São Francisco / Luiz Akay Munduruku. — 2024.  
40 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. William César Lopes Domingues  
Coorientador(a): Prof. Dr. Não Tem  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Etnodiversidade, Altamira, 2024.
1. Aldeia Missão São Francisco . 2. Povo Munduruku. 3. Narrativas históricas. I. Título.

CDD 370.8909811

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho ao meu povo Munduruku, à minha esposa, meus filhos e demais parentes, a todos os meus professores e colegas de turma do curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento e aos professores Munduruku que estão buscando contar a nossa história nas escolas em nossos próprios termos.



Oce ajo jok ġu ũm ũm ġu imen  
ocemukũyjojo kuyje ap kawen.  
Pen ajojo ġu ũm ũm osodok iam.  
Oca ġuy bã'ũm ap puxim cekawen ip Ijok  
otup mubarak rag pen ixeyũ ũm ũm  
osodok iak mubapk ap e imuwẽn an.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço à Deus pela vida e por me permitir concluir esse curso na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Ao Curso de Etnodesenvolvimento por proporcionar-me obter e ampliar os conhecimentos que foram trabalhados durante esses quatros (4) anos.

Agradeço muita a minha esposa Aurenice *Oyoy* Munduruku que me deu muita força e apoio enquanto passei por dificuldade financeira e minha ausência em casa.

Agradeço as 7 pessoas das minhas famílias de casa como meus filhos; *Giuandro Akay* Munduruku, *Leisivan Akay* Munduruku, *Leiziandro Akay* Munduruku e as filhas; *Leiziane Akay* Munduruku, *Alciandria Akay* Munduruku, *Kayene Akay* Munduruku e *Akay Bire'ũm* Munduruku, minha filhinha *Bruna Jéssica Akay* Munduruku e a minha esposa Aurenice *Oyoy* Munduruku, sempre eu os deixei no período do curso, e eles sempre passando as lembranças e com grande preocupação com a possibilidade de acontecimento de acidente e morte.

Agradeço a minha comunidade da Aldeia Missão São Francisco do Rio Cururu do Alto Tapajós, me ajudaram para contribuir na minha pesquisa para montar os meus trabalhos de Tempo Comunidade (TC) e na construção deste trabalho.

Agradeço a todos os meus docentes o que eles contribuíram os seus conhecimentos para mim, enquanto estou cursando a Universidade, como os professores (as), Reinaldo Marchesi, professor Sullivan Ferreira de Sousa, professor Walker Mesquita, professor William César Lopes Domingues - Uwira, professor Gustavo Goulart, professor Almiros Martins Machado Guarani, professor Renan Vale, professora Jéssica Portugal, professora Bianca Araújo, professora Eliane Farias, professora Francilene Aguiar, professora Valéria Ornellas e professora Tiely.

Agradeço aos todos os meus amigos e amigas da turma do Etnodesenvolvimento 2019, que iniciaram juntamente comigo com o início do curso, bem como as comunidades tradicionais; Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhos, Extrativistas, Agricultores Familiares e Pescadores.

Agradeço o meu Orientador Professor Dr. William Domingues, por ter me ajudado a construir o meu trabalho de TCC e ter compreendido as minhas dificuldades.

Agradeço o meu pai Luiz Gonzaga Akay Munduruku, agricultor que trabalhou muito e até hoje trabalha ainda na roça e na garimpagem desde no ano de 1980 à 2020, para sustentar os seus filhos e filhas e a minha mãe também sempre trabalha na roça para sustentar os seus filhos e filhas.

Finalmente agradeço que na minha trajetória de Jornada Acadêmica e minha caminhada, desde onde comecei a cursar Etnodesenvolvimento na Universidade Federal do Pará (UFPA), nunca percebi preconceito e racismo na sala de aula, mas tive muita dificuldade em relação a apoio para passagem e alimentação durante o tempo universidade, mesmo assim consegui concluir o meu Curso de Etnodesenvolvimento.

**RESUMO:**

O presente Trabalho de Conclusão de (TCC) é fruto da construção de um Plano de Ação para o ensino de nossa história, elaborado por mim com a comunidade Missão São Francisco do Rio Cururu, no Alto Tapajós. O trabalho foi elaborado a partir do resumo da pesquisa elaborada durante o decorrer do curso nos períodos de Tempo Comunidade com os filhos dos fundadores da aldeia e foi assim que consegui elaborar a conclusão do meu TCC. Conhecer a história e as narrativas de nossos antepassados e o histórico da fundação da Aldeia Missão Francisco antes da criação da Aldeia Muricizal. Procurei evidenciar o histórico dos nossos antepassados e o histórico da fundação da aldeia, mapa, localização, cartografia, as narrativas de nosso povo e o registro fotográfico dos nossos antepassados e de hoje em dia, onde eles viviam antes, quem é o Deus deles, quem é o desenhista mais antigos da história que deixou os desenhos nos lugares sagrados, onde eles andavam antes de chegada dos portugueses, quem são os caçadores de cabeça, criação da assembleia geral do povo Munduruku, para que eles fundaram a associação e organização social, chegada de jesuítas, atividades produtivas da comunidade.

**Palavras-chave:** Aldeia Missão São Francisco, Povo Munduruku, Narrativas históricas

**Key-Words:** Aldeia Missão São Francisco, Munduruku People, historical narratives.

**ABSTRACT:**

This Final Paper (TCC) is the result of the construction of an Action Plan for teaching our history, prepared by me with the Missão São Francisco do Rio Cururu community, in Alto Tapajós. The work was prepared based on the summary of the research carried out during the course during the Community Time periods with the children of the founders of the village and that was how I was able to prepare the conclusion of my TCC. Learn about the history and narratives of our ancestors and the history of the founding of Aldeia Missão Francisco before the creation of Aldeia Muricizal. I tried to highlight the history of our ancestors and the history of the founding of the village, map, location, cartography, the narratives of our people and the photographic record of our ancestors and today, where they lived before, who their God is, who is the oldest draftsman in history who left the drawings in the sacred places where they walked before the arrival of the Portuguese, who are the head hunters, creation of the general assembly of the Munduruku people, for

which they founded the association and social organization, arrival of Jesuits, productive activities of the community.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de minha trajetória acadêmica no curso de Licenciatura em Etnodesenvolvimento, ele foi construído com minha comunidade da Aldeia Missão São Francisco durante a realização dos trabalhos de Tempo Comunidade. Durante a realização desses trabalhos nós percebemos que não temos nada sobre a história de nosso povo e de nossa aldeia, nossas crianças não aprendem nada na escola sobre o que contam os nossos velhos sobre os nossos antepassados e suas narrativas sobre o passado e sobre nossa história e por isso todos consideraram que seria importante escrever sobre isso no meu TCC, para que pudesse se contar também na escola e estudar nossa história e aprender sobre como as coisas eram no passado até elas se tornarem como estão hoje em dia de acordo com as narrativas de nosso próprio povo.

Para isso procurei ouvir os mais velhos que participaram da história e coloquei no papel o que eles me contaram, li o que outras pessoas escreveram sobre o nosso povo, mas como o que a comunidade queria eram as histórias como nós mesmos contamos, eu coloquei no trabalho principalmente as narrativas de nosso povo sem fazer referências a outros autores, apesar de ter lido o que eles escreveram. É um trabalho comunitário, como nosso povo é comunitário, mas apesar disso, ele é fruto de meu jeito de entender as narrativas e colocar o que todos disseram no papel procurando observar o que todos disseram que era importante e as coisas que eu mesmo, que também sou Munduruku e morador da aldeia Missão São Francisco considerei importante e outras narrativas que ouvi de meus pais e avós ao longo de minha vida. Também ouvi as narrativas das missionárias Franciscanas que atuam até os dias de hoje na Missão São Francisco e recorri a alguns relatórios da missão que não foram publicados.

A Missão São Francisco do Rio Cururu do Alto Tapajós foi fundada no dia 05 de julho de 1911, localizada no Município de Jacareacanga-PA, na região sudoeste do Pará, numa distância de aproximadamente 350 km da sede municipal. Sua população estimada em 2023 a 2024 é de 750 habitantes em 2.832.000 hectares da terra Indígena Munduruku

Sou Luiz *Akay* Munduruku, estudante da Universidade Federal do Pará-UFGPA, pai, marido, irmão, filho e professor da educação fundamental em minha aldeia e atualmente tenho buscado levar a universidade para dentro de nossa aldeia, para ver se nossos jovens conseguem ter acesso ao ensino superior sem precisar sair da aldeia e passar

por todas as dificuldades e inseguranças que eu mesmo passei nesse tempo de estudos. A busca pela educação formal que os *Pariwat* trouxeram com eles se deve pela necessidade que temos hoje de aprender a conviver com eles, porque nossa história nos mostra que o nosso mundo mudou desde que eles chegaram e começaram a viver no nosso meio. Precisamos continuar com a nossa história a partir das narrativas de nossos antepassados para a gente não saber mais a nossa história e saber apenas as narrativas dos *Pariwat*.



Foto: Luiz Akay, 2023

Vista na área da comunidade Missão São Francisco do Rio Cururu do Alto Tapajós.  
(MURICIZAL: KEĜEBI IK TIP TAYBI KA)

## NOSSA HISTÓRIA POR NÓS MESMOS

Depois que *Karosakaybu*<sup>1</sup> transformou em porcos do mato os primeiros humanos maus da **Aldeia Wakopadi**, ele seguiu no rumo dos campos centrais, até onde encontrou

---

<sup>1</sup> É o nosso criador, o que é considerado pelos não indígenas como Deus.

um lugar chamado *Deko 'jêm*<sup>2</sup>, perto das cabeceiras do rio Crepuri. Neste lugar, ele parou, fez um gesto sagrado com o pé no chão e um buraco se abriu ali perto.

Os nossos antepassados chamaram aquele lugar de *Karu-Kupy*. Dalí ele tirou vários casais de gente: *Wũjyũ*<sup>3</sup>, os Munduruku, os outros povos indígenas, os brancos e os negros. Os outros casais se dispersaram pelo mundo e os Munduruku ficaram em *Deko 'jêm*.

Logo nosso povo Munduruku se multiplicou e se tornou respeitado entre os outros povos indígenas principalmente pelo nosso modo de guerrear. Para os guerreiros, a cabeça do inimigo era um troféu com poder mágico. E por isso era cortada conservada e mostrada em grandes festas especiais.

Assim, o nosso povo passou a ser chamado de **“cortadores de cabeça”** e de **“Formigas Gigantes Vermelhas, vindo a ser chamado Munduruku”**.

Os Munduruku eram os senhores absolutos do rio Tapajós, guerreavamos com os *Parintintim, Mura, Arara* e vários outros povos passando pelos rios Madeira, Xingu e até o Tocantins. Até que encontramos um inimigo diferente que não lutava com o arco e flecha, mas com as armas de fogo. Assim chegaram os *Pariwat*. Era a segunda metade do século XVIII. Mesmo assim, os Munduruku daquele tempo atacaram duramente metendo medo nas vilas de Borba, Gurupá, Boim, Belterra, Pinhel, Alter no Chão até Santarém. Mas depois de sofrerem vários ataques de expedições dos portugueses, os chefes se viram obrigados a fazer “acordos de paz” com as autoridades da colônia. Um deles foi assinado em 1785, em Santarém. Depois desses “acordos de paz”, muitos Munduruku foram viver nas vilas e missões nos rios Tapajós e Madeira e trabalhavam na extração das florestas, outros continuaram nas cabeceiras guerreando com os portugueses e com os outros povos.

A partir da segunda metade do século XIX, se expandiu a exploração da seringueira e da borracha, o que acelerou a invasão do rio Tapajós pelos não-indígenas. Chegaram os donos do barracão, os comerciantes-regatão, a cachaça e os primeiros paim<sup>4</sup> que fundaram em 1872 a Missão Bacabal, no rio Tapajós, abaixo da foz do rio Crepuri e antes das primeiras cachoeiras, para onde foram alguns Munduruku.

---

<sup>2</sup> Literalmente, lugar onde tem muitos macacos.

<sup>3</sup> Nós, as pessoas, que é como nós chamamos a nós mesmos.

<sup>4</sup> Como eram chamados os padres.

Os comerciantes da borracha queriam explorar a mão-de-obra do nosso povo, e entraram em choque com os paim. A missão fechou em 1882, e depois que ela fechou os parentes Munduruku voltaram para suas aldeias. Naquele tempo, os paim, apesar de serem também *Pariwat*, protegiam o nosso povo dos outros *Pariwat* que eram piores para eles do que os paim.

### **FUNDAÇÃO DA ALDEIA MISSÃO SÃO FRANCISCO, ANTES DA CRIAÇÃO/FUNDAÇÃO DA ALDEIA MURICIZAL: *KEGEBI IK TIP TAYBI KA***

Apesar da Missão Bacabal, a maioria dos Munduruku que viviam nos campos, nunca tinha visto um Paim, o que aconteceu finalmente em 1911. Chegaram os franciscanos Hugo Mense e Luiz Wand ao lugar, onde hoje está a Missão Velha, na margem direita do rio Cururu. Ficaram tocando flauta e cantando, e assim os Munduruku, chefiados pelo cacique João *Wakõpã*, foram lá ver o que era e os levaram para a sua aldeia. Em 05 de julho de 1912, chegaram as irmãs da Imaculada Conceição: as “pioneiras” Madre Coleta, Cecília e Ágata que logo começaram a cuidar dos doentes e abriram uma escola. Era isso que eles faziam para viver com o nosso povo, chegavam e iam cuidar dos doentes que começaram a pegar as doenças dos *Pariwat* e não conseguiam tratar delas e logo começavam a ensinar as crianças abrindo uma escola, e por isso todos gostavam deles e até hoje acham que o que eles fizeram foi bom para o nosso povo. E eles seguiram dando aula para nós por muitos anos.



Foto: Irmã Conceição Pinho Rocha em 1980

Vista na imagem irmãs e jovens indígenas masculino e feminino no ensinamento, desde 1912.

Foi logo no início da Missão São Francisco no rio Cururu, em março de 1920 que os paim resolveram mudar o lugar da Missão Velha para um lugar mais alto, a “Terra Preta”, na margem esquerda do rio Cururu, onde foi construída a atual Missão São Francisco. Em 1922, quando foi inaugurada a casa das irmãs, Madre Coleta teve que se retirar e, chegaram as irmãs Crecência e Simeona. A casa dos paim foi inaugurada em 1924, ano em que o Bispo Dom Amando visitou e passou 10 dias na Missão.

Ele disse que encontrou ali “os índios tão contentes”. Realmente, diante da exploração que sofriam naquele tempo os nossos parentes antigos Munduruku nas mãos dos comerciantes, a vida com os pais e as irmãs ajudou nós indígenas a continuar preservando nosso modo de vida, nossas crenças e nossos costumes, como a pintura corporal e a língua Munduruku, ainda hoje muito bem preservada, mas tinham coisas do nosso modo de vida que os paim não gostavam e isso não foi preservado, não pelo menos com a ajuda deles.



Foto: Adonias Kaba em 1990.

A imagem mostra a primeira casa que foi construída após de mudar a aldeia no outro lugar a nova Missão



Foto: Frei Gilbert Word, 2020.

A imagem mostra a segunda casa foi construída dentro da aldeia Missão em 1920, às casas dos Padres.

## IMAGENS DO PASSADO E DO PRESENTE



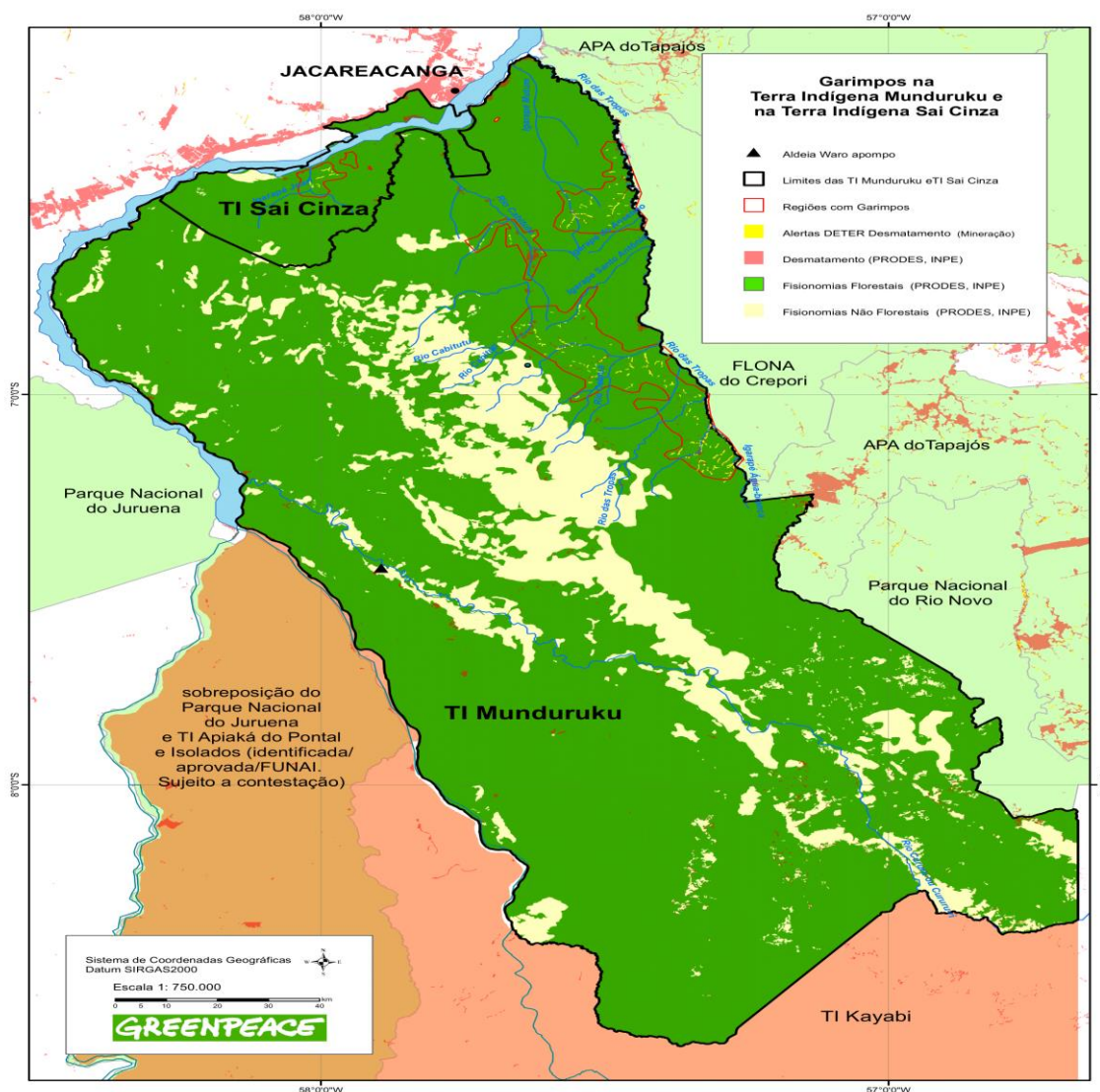
Imagem de um Munduruku do passado



Foto: Luiz Akay, 2023

Os Munduruku de hoje

## MAPA DO TERRITÓRIO INDÍGENA MUNDURUKU



Fonte: Greenpeace

A terra Indígena Munduruku foi demarcada em 04 de julho de 2004, pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva. A terra localizada no Município de Jacareacanga-PA, na região sudoeste do Pará. Sua população estimada em 2023 a 2024 é de cerca de 1.000 habitantes de cada aldeia e 2.382.000 hectares de terra.

A terra demarcada tem mais de 11 Pólos-Base de Saúde dentro de seus territórios e 180 aldeias pequenas ao todo, também tem mais de 15 mil Indígenas Munduruku vivendo em nossas terras.

## LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA



Fonte: Luiz Akay em 2023

Localização da aldeia Missão São Francisco do Rio Cururu do Alto Tapajós



Fonte: luiz Akay em 2023, a imagem foi tirada na câmera do celular

## ONDE NÓS VIVÍAMOS ANTES DOS *PARIWAT*

Nós, o povo Munduruku vivíamos antes dos *pariwat* chegarem, tendo como nosso território mais tradicional os campos naturais da floresta. Antigamente o nosso povo Munduruku vivia nas malocas dentro do curso deles na beira dos igarapés como “*Wakopadi-ka*” e nos alimentávamos na beira do igarapé. Muitas pessoas moravam na beira de qualquer igarapé nesse tempo. Os alimentos deles eram todos alimentos tradicionais como a anta, porcão, queixada e veado, entre outros... Também haviam as bebidas tradicionais como Mingau *manicuera*, *kaxiri*, *dau* e *weru*. Naquele tempo eles comiam juntos e não precisava as roupas, eles mesmos produziam as redes de ramo de babaçu, buriti ou qualquer ramo e sabiam produzir artefatos como saias, sandálias e remédios para passar a dor, e para qualquer dor faziam os remédios caseiros que tem no mato.

## QUEM É O NOSSO DEUS

Antigamente os Munduruku tinham um Deus chamado na nossa língua de **KAROSAKAYBU**. O nome verdadeiro dele era **BIOREBU**. *Karosakaybu* era só apelido que colocaram nele. Ele mesmo se transformava e também transformava qualquer objeto em outras coisas. Um dia ele foi no mato. A velha mãe dele, ficou em casa. Ela ouviu um choro de criança. Ela disse: “O que é isso? Choro de criança por aqui? E ficou escutando. E ela disse: “Eu vou lá ver quem foi que teve criança”. E a velha chegou perto da criança que estava chorando e disse: “Meu Deus!! Uma criança!! De quem será??”. E não havia ninguém por ali. Pegou a criança e levou para casa. Quando *Karosakaybu* chegou da caçada, mostraram para ele. *Karosakaybu* ficou muito alegre e disse: “Eu vou criar para mim. Ele vai ser o meu filho.



### *Karosakaybu*

Na aldeia algumas pessoas tinham ido fazer moqueado de caças no mato. Elas tinham ido caçar bem próximo da aldeia onde moravam. Por isso, algumas pessoas da aldeia iam passear lá com eles. *Karosakaybu*, disse: “ Meu filho, vai lá com tua tia procurar comida. E o menino foi e chegou lá com eles, no tapiri deles. O menino disse: Tia, papai falou para a senhora mandar um pedaço de inambú assado. A tia disse; Não tem inambú assado. Ela perguntou: Só inambú que teu pai gosta? Aí o menino voltou chorando! Chegou na aldeia. O pai dele perguntou: O que foi que ela disse? O menino respondeu: ela brigou comigo. Ela disse: só o inambú que teu pai gosta. *Karosakaybu* disse: Deixa! Eles vão ver! E acrescentou: Agora eu vou no mato flechar jacú. O pessoal já tinha um bocado de penas.

*Karosakaybu* chegou do mato com um bocado de jacú. Eles tiraram as penas do jacú. *Karosakaybu* disse: Meu filho, vai procurar penas lá com eles. Aí o menino foi e juntou um bocado de penas e o pessoal deu um bocado de penas para ele. Eles perguntaram: Para que você está catando penas? O menino dizia: É para minha flecha. Pega mais, diziam e davam para ele. E o menino voltou com um monte de penas. E disse: tá aqui as penas que eu juntei lá pai. O pai disse: amanhã você vai colocar elas ao redor deles e o menino respodeu: tá. Quando amanheceu o dia, o menino saiu com um bocado de penas de jacú e começou a colocar as penas ao redor deles. O menino ia andando e cantando o canto dos pássaros. As penas deram para cercar o tapiri dos caçadores. Aí o menino chegou de volta e disse: já papai. *Karosakaybu* disse: Agora você vai amarrar as pontas das penas, e o pai foi tirar o cipó de tracuá. Ele chegou do mato com um bocado

de cipó e disse para o filho: amanhã você vai amarrar as pontas das penas. O menino foi e começou o seu trabalho amarrando as penas. O menino estava amarrando as penas e as mulheres perguntaram: O que você está cantando por aí? E elas jogaram lenha para o rumo dele, e o menino se transformava em passarinho. O menino voltou e disse: Pai, já! Tá tudo pronto pai! *Karosakaybu* disse: então amanhã nós vamos lá, à noite! No outro dia eles foram às 10 horas da noite. O pessoal da aldeia não sabia o que *Karosakaybu* estava fazendo. Tinha muito moqué, muita gente e muita fumaça de fogo. *Karosakaybu* fez a fumaça descer sobre o pessoal. Nessa altura as penas se transformaram em madeira, tudo o que estava ali virou coisa dura. Aí as pessoas começaram a tossir. As crianças chorando e tossindo. Foi aquele barulho doido, mas depois ficou com choro diferente, começaram a roncar. Eles já tinham sido transformados em porcos do mato.



O pessoal que foi transformado em porcão.

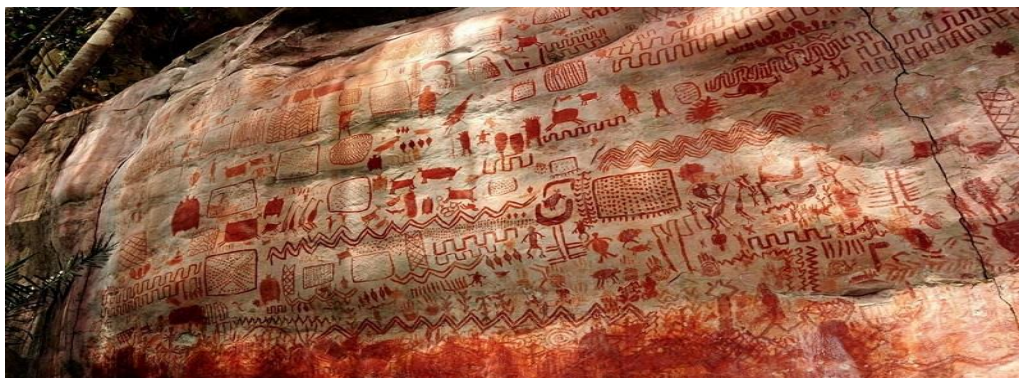
## O DESENHISTA MAIS ANTIGO DA HISTÓRIA MUNDURUKU E OS DESENHOS QUE DEIXOU NOS LUGARES SAGRADOS

Antigamente havia um grande mestre em desenhar a imagem, o nome dele era *Muraycoko*. Ele desenhou em muitos lugares do mundo onde ele andou e deixou seu testemunho em vários desenhos nas pedras, onde tem as cachoeiras ou nos lugares sagrados. *Muraycoko*, deixou muitas pinturas que hoje são chamadas de rupestres e suas gravuras contam a história do povo Munduruku ele é um grande desenhista.



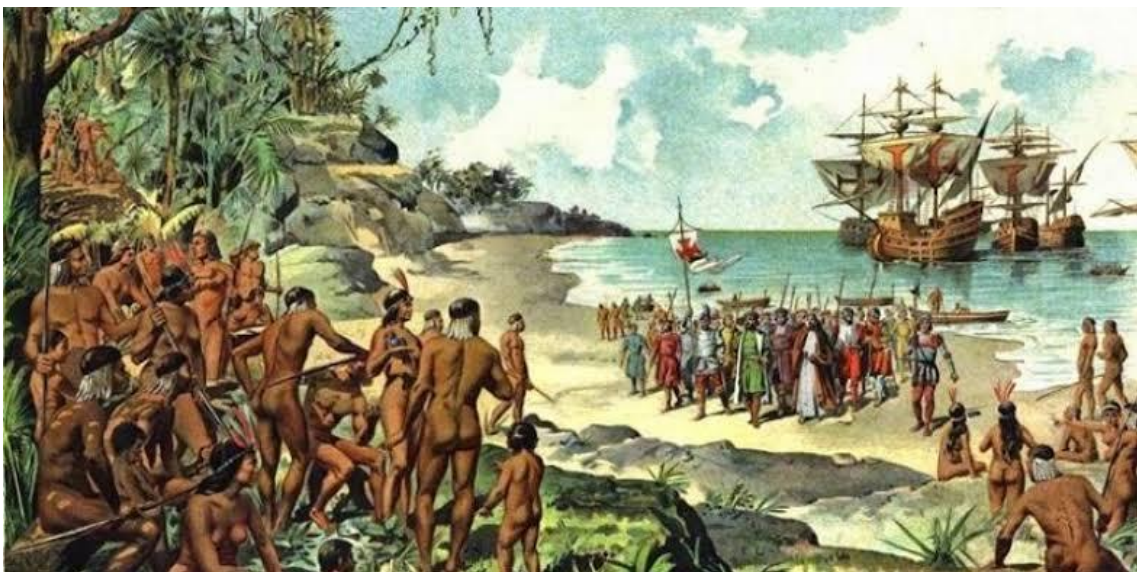
Os desenhos de *Muraycoko*

23



História nos desenhos de *Muraycoko*

O Povo Munduruku andou em vários lugares da América do Sul, fomos conhecidos do Rio Madeira no Amazonas até o rio Tocantins. Na chegada de Pedro Álvares Cabral, em 1500, estima-se que os indígenas brasileiros fossem entre um e cinco milhões. E de outros lugares foram os Tupis que ocuparam a região costeira que se estende do Ceará a Cananéia-SP. Os Guarani espalhavam-se pelo litoral Sul do país e a zona do interior, na bacia dos rios Paraná e Paraguai. Todos esses povos eram parentes antigos do nosso povo.



Indígenas antes da chegada dos *Pariwat*

### **QUEM SÃO OS CAÇADORES DE CABEÇA?**

São os Munduruku, os temidos cortadores de cabeça. Nossos parentes costumavam cortar as cabeças de seus inimigos e mumificá-las, então eles as fixavam com faixas que vestiam em batalha, pois possuíam poderes especiais e serviam para amedrontar os inimigos e suas cabeças eram mumificadas e transformadas em troféu.

O povo Munduruku é um povo guerreiro e temido pelos outros povos. Quando tínhamos poucas crianças fazíamos guerra com outros povos para tomar deles as mulheres e as crianças. Cedo eles começavam a se tatuar, desde os oito anos. Os homens pintam o rosto todo preto, por isto eles eram chamados de “**cara preta**” e corta-cabeças. Assim

eles tratavam suas presas. Tiravam-lhes os dentes para fazerem colar ou cinto e as cabeças mumificadas e postas em uma estaca na frente da maloca, para espantar os inimigos.



Desenho antigo de um guerreiro Mnduruku



Troféu de cabeça Munduruku guardado num museu

## CRIAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL DO POVO MUNDURUKU

Em 1975 a Missão São Francisco do Rio Cururu sediou a histórica I Assembléia Geral de Chefes Indígenas no Brasil, que contou a presença de várias etnias. E logo, entre 1985 e 1986, iniciaram os encontros entre lideranças Munduruku, mas foi em 1989, que aconteceu a **I Assembleia Geral do Povo Munduruku**. Isso foi algo muito importante para nós e precisa ser ensinado que tudo isso começou a acontecer na nossa aldeia para que as crianças cresçam sabendo que nosso pessoal da aldeia começou a se organizar a muito tempo e que sempre buscou conversar entre todos os parentes para se organizar.



Fonte: Francinildo Kaba Munduruku, desde 2020

### Os caciques e cacicas, na assembleia Geral do Povo Munduruku

As assembleias foram criadas para tratar das nossas **reivindicações**, principalmente da **Demarcação da Terra, Educação Indígena** e do **Atendimento da Saúde** e passaram a fazer parte de nosso modo de organização abordando assuntos que vão além desses temas, embora esses sejam os principais temas que tratamos. A partir das assembleias começamos a nos organizar para levar as nossas demandas para outros lugares onde a gente não conseguia chegar antes.



Imagens das manifestações geradas pelas Assembléias

## FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO INDÍGENA *PUSURU* (AIP), E DO CONSELHO INDÍGENA MUNDURUKU DO ALTO TAPAJÓS (CIMAT)

A **Associação *Pusuru***, nasceu em 1991, e tem como missão lutar pelos direitos do Povo Munduruku de forma que reflita e atenda a **Organização Tradicional**, a **Valorização da Cultura**, a **Proteção da Terra**, do **Meio Ambiente**, **Educação**, **Saúde** e outros problemas enfrentados pela população. No mesmo ano, também foi instituído o **Conselho Indígena Munduruku do Alto Tapajós – CIMAT**, por entendermos que era necessária uma forma de organização capaz de exercer o papel político mais direto de orientar as discussões e possibilitar a participação ampla de representantes de várias comunidades de nosso povo Munduruku nas lutas que se relacionam com todos nós.

A **Associação Indígena *Pusuru*** é uma entidade Civil de direito privado, sem fins lucrativos, formada por representantes do Povo Munduruku, fundada no dia 13 (treze) de março de 1992 (mil novecentos e noventa e dois), com prazo de duração indeterminado e com sede na aldeia **Waro Apompu**, na **Terra Indígena Munduruku**, e foro na cidade de Jacareacanga, Estado do Pará. Além de sua sede na aldeia, na Terra Indígena Munduruku, poderá conforme deliberação em Assembleia Geral, autorizar o funcionamento de representações em outras localidades.



Símbolo da Associação Indígena Pusuru - (AIP)

### **NOSSA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO**

Incentivar e promover a organização tradicional das comunidades, respeitando o papel dos chefes (caciques) e o **Fortalecimento da União e da Organização do Povo Munduruku** nas ações internas relações junto instituições garantindo a autonomia de nosso povo.

Desenvolver por iniciativa própria ou parceria com **Instituições Governamentais** ou **não Governamentais** atividades voltadas para a melhoria na Educação, Saúde e o fortalecimento da cultura.

Realizar atividades educativas que contribuam para a preservação do meio ambiente, tendo em vista a sua importância para a qualidade de vida e para a manutenção dos meios de sobrevivência da população.

Desenvolver por iniciativa própria ou em parceria com outras entidades e atividades que contribuam para o fortalecimento do desenvolvimento local, valorizando a experiência e os conhecimentos comunitários através de ações de caráter sustentável sob o ponto de vista econômico, social e cultural.

Estimular a participação comunitária, o controle social das políticas públicas e o exercício pleno da cidadania.

Realizar intercâmbio troca de experiência, parcerias, acordos, convênios, com **Instituições Públicas e Privadas**, possibilitando a execução das atividades e o alcance de nossos objetivos sociais.

Incentivar e promover o apoio ao **Povo Munduruku** na área de projetos que auxiliem na geração de renda, na comercialização da produção, na formação de uma economia sustentável, a exemplo de produção artesanal, agricultura, agro extrativismo, criação de peixes, aves, abelhas etc.

Apoiar e participar, quando julgar necessário, de encontros e ações visando o fortalecimento do **Movimento** e da **Organização Indígena**.

Esses são os objetivos de nossa organização social através da associação, é para isso que nós criamos ela e trabalhamos para que ela cumpra o seu propósito.

## **ATIVIDADES PRODUTIVAS SUSTENTÁVEIS PARA A COMUNIDADE**

A produção da comunidade tradicionalmente era atividade de plantação de mandioca, cana de açúcar, cará, bananeira, batateira, vários alimentos, pesca no rio, coleta de frutas no mato e outras atividades sustentáveis como a extração de castanha, extração, da borracha de seringal, copaíba entre outras atividades não sustentáveis como garimpo, que chegou até nós a partir da ganância dos *Pariwat*, e muitas vezes se torna o único meio de subsistência para nosso povo quando não temos qualquer tipo de atenção por parte do Estado brasileiro. A pressão do garimpo é mito antiga no meio de nosso povo, e muitos de nós trabalhamos neles por muito tempo para podermos sustentar nossas famílias com os produtos que aprendemos a consumir e não sabemos produzir em nossas terras.

Outro fato que se destaca foi a invasão dos seringueiros. Por causa da política adotada para o incentivo à produção da borracha, o governo brasileiro financiou atividades na Amazônia, chamando nordestinos que estimulados a buscar vida melhor se deslocaram da sua região para trabalhar como seringueiros, denominados oficialmente “soldados da borracha”. Graças à Comunidade Indígena Munduruku da Missão São Francisco do rio Cururu e ao Serviço de Proteção ao Índio – SPI, foi possível marcar e manter preservado o espaço territorial dos Munduruku, diante da invasão dos que desenvolviam aquela atividade extrativista no período de exploração da borracha, mas aconteceram muitos conflitos porque muitas vezes eles não respeitavam os nossos

territórios. Com a queda dos preços da borracha na Amazônia é que sobreveio o **Ciclo do Ouro**. No final de década de 1950 a região do Tapajós foi descoberta com uma região riquíssima de minério.

Os garimpeiros foram muito piores do que os seringueiros para nós, porque os seringueiros não destruíam a floresta e nem espantavam a caça ou poluíam os rios e os garimpeiros, para poder minerar o ouro, destruíam as florestas e os rios tornando a nossa vida difícil, sem terra para caçar e plantar e com os rios poluídos sem peixe para a gente pescar.

Foi essa questão da falta de sustentabilidade que levou o nosso povo a procurar se organizar para conseguirmos continuar existindo, por isso é importante ensinar essa história na nossa escola para que as pessoas saibam porque as coisas são do jeito que são. No meio de todo esse processo nosso povo começou a lutar mais firmemente para termos acesso a uma educação de qualidade, para aprender como fazer nessas situações.

### **SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO PARA O POVO MUNDURUKU**

A Educação Indígena Munduruku surgiu dentro da localidade, que é chamada hoje em dia pelo nome de Missão São Francisco do Rio Cururu no Alto Tapajós, na margem direita do rio cururu no Pará.

O trabalho na Educação tem sido muito importante e abrangente, começou como um orfanato da missão no início, até a consciência coletiva de nosso povo sobre os acontecimentos em projetos previstos para o nosso território ou nas proximidades hoje. Quais os benefícios e quais os prejuízos que poderão advir para a população indígena com a concretização desses projetos? Não podemos esquecer que foram as Irmãs que ensinaram aos índios da Missão conhecer e manusear o dinheiro. Para que elas fizeram isso? Para não sermos enganados pelos donos da Empresa Mineradora que nos exploravam nos garimpos? Para a gente se defender na hora de comprar e vender com os “não indígenas”? É o que foi dito antes e agora estamos vendo se era isso mesmo, ou se não era bem assim, de todo jeito, nós estamos tomando a direção de nossa educação porque entendemos que nós mesmos precisamos ensinar/aprender de acordo com a nossa cultura, ou pelo menos considerando a nossa cultura.

A Missão São Francisco, foi fundada em 1911, por Frei Hugo Mense, no local chamado Missão Velha, o chefe da aldeia era o Cacique João *Wakopã*. Por questões de logísticas e de acesso em 1920 a Missão passou para o local atual na margem direita do

Rio Cururu, sendo o fundador, Frei Plácido Toler, cujo nome foi “Missão Francisco”, permanecendo o mesmo da primeira localidade. Os professores que lecionavam na escola no início da fundação em 1911, foram a Madre Coleta, os Frades e outras irmãs Alemãs.

Em seguida irmã Raimunda continuou com a escola, agora sendo particular de 1911 a 1948. Felizmente no dia 02 de março de 1948, a escola passou a funcionar como Escola Estadual, a pedido de irmã Romana de Paiva, sendo ela mesma professora. Mais tarde, chegou a irmã Emília Pedroso. Neste Período o número regular de alunos era de 100 alunos e a área da aldeia era de 4000/10.000 km<sup>2</sup>.

### **CHEGADA DE JESUÍTAS NA ALDEIA *KEGEBI IK TIK TAYBI KA BE***

Os primeiros missionários do Tapajós foram os jesuítas no final do século XVIII. A sua ação ia até onde chegava a navegação, ou seja, até as cachoeiras, pouco acima de Itaituba. Entre os anos de 1722-1740, foram fundadas outras quatro missões jesuítas, também localizadas no setor de cachoeiras do rio Tapajós. A atuação dos jesuítas foi até 1759, quando foram expulsos pelo Marquês de Pombal. As aldeias foram transformadas em vilas e colocadas sob a direção dos leigos. Como no caso de tantos povos indígenas esta situação trouxe a opressão e exploração para os indígenas Munduruku, que só foram vencidos pelos colonizadores, após o envio de várias expedições e tropas de resgate organizadas pelos portugueses em retaliação à resistência que os indígenas faziam através de ataques aos povoados.

A primeira a presença Missionária Franciscana entre os Munduruku foi no início de 1908, quando os Frei Hugo Mense, Luís Wandt e Crisóstomo Adams iniciaram as viagens de exploração no Alto Tapajós e travaram conhecimento com o grupo indígena liderado pelo cacique Cadete e seu irmão João *Wako*, na **Aldeia** de *Kapik pik pi*. Iniciaram com esse grupo uma viagem de reconhecimento a algumas aldeias indígenas chegando até no rio Cururu. O relato dos frades dizia que:

“A Mundurukânia é uma terra de cheia de encantos. Do alto do Kapik pik pi ka (Kapik pik pi era é uma aldeia localizada dentro do campo natural, onde os Munduruku gostam de sobreviver de seu habitat). Misteriosa e ameaçadora é a floresta-virgem, onde a serpente e o jaguar são um perigo traiçoeiro ao viandante. Toda, até ali penetram as águas cristalinas dos arroios que correm no fundo do matagal, onde, de quando em quando esvoaça um inambu e se ouve o grito estridente da arara, o canto suave da araponga ou martelar do pica-pau. A flora e a fauna são

de uma exuberância espetacular. A despeito de tudo isso, porém, a alma do homem da cidade sente-se quase oprimida pela imensa solidão da mata, que é o habitat do silvícola”.(mimeo., sem data)



Fonte: Professor Adonias Kaba Munduruku, desde 1995

Viagens dos jesuítas e primeiro aldeamento Munduruku



Fonte: Luiz Akay Munduruku, desde 2023

Boca da estrada, onde foi primeira boca da estrada do campo que chama (*Kapik pik pi*)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta é a minha conclusão da Faculdade de Etnodiversidade no curso Etnodesenvolvimento no campus Universitário de Altamira-PA, feito através da pesquisa do histórico da minha aldeia Missão São Francisco do rio Cururu, (*Kegebi ik tik taybi ka bewi*). A pesquisa foi diferente de como é a pesquisa na universidade, como a gente aprendeu no curso, mas o que a minha comunidade pediu para eu fazer também foi diferente, e para atender o que eles pediram eu tive que fazer diferente. A história do nosso povo é toda feita de narrativas, de histórias que cada um vai contando, e cada um conta dando mais importância para uma coisa e menos para outra.

Meu trabalho era de contar a história da Aldeia Missão São Francisco, talvez a mais importante de todas as aldeias do nosso povo Munduruku, é também a aldeia onde eu moro, sou professor e crio minha família, coisas muito importantes para o nosso povo começaram lá na nossa aldeia e é preciso que isso seja ensinado na escola também, para que as crianças cresçam sabendo dessas coisas.

Portanto agradeço a minha conclusão do curso, que eu consegui elaborar o meu TCC, tendo como foco o histórico da minha aldeia, sua imagem, os acontecimentos importantes que aconteceram lá e como foi a nossa história até hoje. A maior parte da

pesquisa foi feita a partir dos relatos dos parentes, que têm mais memória do que os *Pariwat* e por isso nos contam coisas muito antigas, mas é difícil de fazer referência porque isso pode complicar para o trabalho ser aceito por todos depois, por isso não referenciei as informações orais, alguns outros materiais foram tirados dos escritos das freiras e dos paim que circulam na aldeia, eles são velhos, e não têm data e nem autor, são do tempo do mimeógrafo, algumas folhas que os parentes mais velhos guardam em suas coisas, e que contam um pouco de nossa história e era preciso colocar no trabalho.

Mas isso não tira a importância e nem a relevância social desse trabalho para o meu povo Munduruku agora que nós mesmos estamos assumindo a nossa educação e retomando a responsabilidade de contar a nossa história, agora do nosso próprio jeito, como aprendemos dos mais velhos.

Por isso hoje em dia estou encerrando o curso não é fácil de elaborar esse trabalho de conclusão. Deu muito trabalho, mesmo assim que Deus me ajudou para terminar. E tudo o que eu escrevi é para ser usado como material, para explorar nas aulas com os alunos na nossa aldeia e nas outras aldeias do nosso povo, e assim outras histórias vão aparecer, como apareceu a história de *Karosakaybu*.

## **BIBLIOGRAFIA**

**MISSÃO SÃO FRANCISCO DO RIO CURURU: KEĜEBI IK TIK TAYBI KA,**  
(Desde 1911) (mimeo.)

DIAS, Bárbara Nascimento. “O TAPAJÓS É O BERÇO DE ONDE NOSSO POVO SURTIU” Notas etnográficas sobre a luta do povo Munduruku pela vida. *NOVOS DEBATES*, 6(1-2): E6204, 2020 DOI: 10.48006/2358-0097-6204.

COSTA, Nathalia Martins Peres. Estudo Etnoterminológico Preliminar do Sistema de Cura e Cuidados do Povo Mundurukú (Tupí). UnB – Dissertação de Mestrado, 2013.

SCOPEL, Daniel., DIAS-SCOPEL, Raquel. e LANGDON, Esther Jean. A cosmografia Munduruku em movimento: saúde, território e estratégias de sobrevivência na Amazônia brasileira. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 13, n. 1, p. 89-108, jan.-abr. 2018.

TAWÉ, Floriano. *Aypapayu’um’um ekawen. Lendas Munduruku. Vol. 3. Summer Institute of Linguistics. Brasília-DF, 1979.*

